



Na entrada do Sushiyassu: os nossos haicafistas posam ao lado da dona da casa.

o próprio haikai, porque além da sua mensagem linguística, existe uma mensagem iconográfica que nunca podemos transmitir. Antes, eu tinha preocupação muito grande com a forma, e hoje, quando faço um haikai ela sai automaticamente em cinco, sete, cinco. Mas, acho que ele não precisa de regras, a imagem é a mesma, o sentimento é o mesmo".

Com o tempo, a versão brasileira do haikai foi incorporando várias características locais, despindo-se da rigidez japonesa. Muitos brasileiros, por exemplo, adotaram uma forma distinta de contar as sílabas dos versos. "O haikai japonês conta até a última sílaba métrica. Mas, existem muitos autores brasileiros que contam até a última sílaba tônica, e não até a última sílaba propriamente dita", diz Roberto. "O haikai não é um poema de amor, é uma contemplação da natureza e é descritivo. Não se poderia dizer que o amor é belo, não se adjetiva, é um poema de substantivos. Seria como aprisionar um momento da natureza. São faíscas, flashes. A conclusão deve ser deixada para o leitor".

Discriminação

Embora o haikai seja largamente praticado na comunidade nipo-brasileira, em relação à língua portuguesa, são poucos nisseis que se dedicam a este poema, "talvez por uma questão de comunicação, da dificuldade de dominar a língua", justifica Roberto. "Havia outro problema, a terra que, para os imigrantes japoneses, era muito inóspita, bem como a nova cultura. Num situação desta não dava para fazer poesia", complementa Rodolfo. "Eu vou mais além", diz o professor Waldomiro, "havia a discriminação, principalmente pela dificuldade de co-

municação, surgindo então uma interpretação falsa do que era a sua cultura".

Nessas dificuldades dos primeiros tempos, o haikai, naturalmente sofreu os reflexos. "Faltou naquela época, fontes seguras ao alcance dos nossos intelectuais. Os livros de Afrânio Peixoto e Wenceslau de Moraes têm um sabor de superficialidade, embora eles tivessem condições de aprofundar o tema", afirma Waldomiro.

"Havia uma certa tendência entre os nossos intelectuais de considerar o haikai como uma extravagância, levando-se em conta o temperamento brasileiro. Acho que faltou sensibilidade para compreender, naquele tempo, a beleza do haikai motivado até por uma certa prevenção", diz ele, creditando a Millôr Fernandes - que sempre publicava na revista "O Cruzeiro" um epigrama em sua seção semanal - a divulgação do haikai nestes últimos 40 anos. "Embora os seus haicais contrariassem os meus conceitos, acho que ele contribuiu muito para que os brasileiros fossem aceitando o haikai".

Roberto anuncia que, visando aprofundar conhecimentos e divulgar o haikai, está promovendo, mensalmente, reuniões de aficionados com estudos teóricos. Ao lado disso, juntamente com Goga Massuda (um dos primeiros descendentes de japoneses a criar haikai em língua portuguesa), desenvolve pesquisa sobre história do haikai no Brasil. Aliás, nesse sentido, afirma: "Goga, em 1938, já escrevia poemas em português. Acredito que, naquela época, se o professor Waldomiro e ele tivessem se encontrado, os haicafistas poderiam ter recebido outro tipo de informações. Certamente a história do haikai no Brasil teria sido diferente". Roberto se permite divagar ●

SAQUÊ 東麒麟
AZUMA KIRIN

IND. AGRICOLA TOZAN LTDA
Escritório:
R. Galvão Bueno, 212 - 5.º
Tel.: 278-5826/2495

RESTAURANTE
Típica Japonesa

SUSHI-YASSU

割烹
寿司
安

R. Tomas Gonzaga, 110 - A
Liberdade
Tel. 279-6622 - S. Paulo - S.P.